

VIAJAR E NARRAR COM JACK KEROUAC EM *ON THE ROAD* TRAVEL AND WITH NARRATE JACK KEROUAC IN *ON THE ROAD*

Luciano Dias de Sousa¹

Resumo: O período referente às décadas de 1950 e 1960 foi marcado pela busca de um mundo mais humano, uma ideologia que foi contra os princípios do capitalismo. Houve nessa época, o surgimento de movimentos contraculturais como a geração *beat*, o movimento *hippie* e a retomada de manifestações culturais anteriores aos anos 1960. Jack Kerouac publicou em 1957 seu *On the road*, obra que iniciou uma revolução cultural nos Estados Unidos, tornando-se manifesto da geração *beat* ao romper com o compromisso da chamada *american way of life* e ao mesmo tempo inaugurou uma forma dinâmica de narrar. Este artigo analisa o romance *On the road* de Jack Kerouac e suas influências na literatura contemporânea.

Palavras-chave: narrativa, sociedade e contracultura.

Abstract: The period refers to the decades of 1950 and 1960 was marked by the search for a more humane world, an ideology that was against the principles of capitalism. There was at that time, the emergence of countercultural movements such as beat generation, the hippie movement and the resumption of previous cultural expressions at 1960s Jack Kerouac published in 1957 his *On the road*, work that started a cultural revolution in the United States, making manifest of the beat generation to break the commitment called american way of life and at the same time ushered in a dynamic way of narrating. This article analyzes the novel *On the road* by Jack Kerouac and their influence on contemporary literature.

Keywords: narrative, society and counterculture.

1. A intensidade narrativa de Kerouac

A palavra narrativa é originária do latim e quer dizer conhecer e transmitir informações. A narrativa está para o homem desde o momento que consegue compreender a fala e fornece aos indivíduos uma ferramenta, para aprender e ensinar

¹ Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Especialista em Português e Literatura pela FIJ e Implementação e Gestão da Educação a Distância pela UFF. Graduado em Letras pela UEMG. E-mail: poesiaeci@gmail.com

uns aos outros. Estamos constantemente narrando acontecimentos, contando sobre eventos que assistimos ou participamos ou sobre os quais ouvimos falar.

Para Gancho (2006), toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são as personagens, num determinado tempo e lugar. Mas, para ser prosa de ficção, é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente quem caracteriza a narrativa. Os fatos, as personagens, o tempo e o espaço existem, por exemplo, num texto teatral, para o qual não é essencial a presença do narrador. Já no conto, no romance, ou na novela, o narrador é o elemento organizador de todos os outros componentes, o intermediário entre aquilo que é narrado (a história) e o autor, entre o narrador e o leitor.

Uma narrativa literária justifica-se em um fato ficcional, isto é, não há a necessidade de um vínculo com o real, com a busca pelo mais próximo possível ao que de fato se sucedeu. A esse tipo de narrativa, temos arraigada, na verdade, a questão da ficcionalidade, que se basta por si mesma.

A narrativa construída por Jack Kerouac *On the road*, tem seus alicerces ficcionais em reais espaços geopolíticos por onde a invenção criativa ganha existência e o autor, via narrador, deixa fluir de sua memória afetiva sua experiência de viagem cortando um país de imagens culturais ao mesmo tempo que mostrava as controversas de uma geração.

Em *On the road* o fluxo narrativo é autobiográfico e segue os passos de Sal Paradise (um personagem baseado em Kerouac) e Dean Moriarty (inspirado em Neal Cassady, amigo de Kerouac), em suas andanças errantes de um jovem a procura de experiências e aventuras e a procura de si mesmo. Uma narrativa com muita intensidade, de experiências, descobertas e reflexões de um viajante durante seu percurso. O texto exibe uma coerência narrativa e estética, de modo que a aventura pessoal do autor assume uma dimensão bem mais ampla, universal, diferenciando-se dos diários de viagem, que se caracterizam pelo simples registro de datas e eventos.

Este artigo analisa o romance *On the road* de Jack Kerouac e suas influências na literatura contemporânea, a transgressão de um sistema ou de um estilo de vida ainda é importante para abertura de um debate sobre a sociedade? Kerouac mostrou o estilo de vida americano completamente avesso ao que a sociedade acreditava como correto.

Enquanto a sociedade americana superava as sequelas da Segunda Guerra Mundial e viviam tentando alcançar o sonho americano, onde a classe média tentava enriquecer, um grupo de jovens sem objetivos claros para época, levavam uma vida quase marginalizada, com bastante álcool, drogas e jazz.

2. *On the road* e a contracultura

Responsáveis por uma das maiores revoluções culturais do século XX, *On the road*, traduzido por Eduardo Bueno, mantém forte sua influência de filosofia de transgressão, lirismo e loucura. Com uma narrativa ousada mostrou ao mundo o lado sombrio do sonho americano. A partir da vivência de viagem de dois jovens – Sal Paradise e Dean Moriarty, de Paterson, New Jersey, até a costa oeste dos Estados Unidos, atravessando literalmente o país inteiro a partir da lendária Rota 66, Jack Kerouac inaugurou uma forma de narrar.

Em abril de 1951 ao som de muito jazz, Kerouac escreveu em três semanas a primeira versão do que viria a ser *On the Road*. Uma prosa espontânea, carregadas de imagens e de descrições detalhadas que revelava uma realidade diferente que os americanos idealizavam. Embora o imenso valor literário hoje reconhecido da obra, na época o manuscrito foi rejeitado por diversos editores e o livro foi publicado somente em 1957, após alterações exigidas pelos editores.

A obra-prima de Kerouac foi escrita unindo ação, emoção, sonho e reflexão. Numa narrativa mais dinâmica, o autor procurou captar a sonoridade das ruas, das planícies e das estradas americanas para criar um livro que transformaria a forma de pensar das pessoas, influenciando definitivamente todos os movimentos de vanguarda, o movimento *punk* e tudo que movimentou a arte e o comportamento da juventude na segunda metade do século XX.

A sua influência ultrapassou os limites artísticos, perpetuando na cultura norte-americana e no comportamento da juventude. Não sendo exagero dizer que a *On the Road* foi uma das obras literárias que mais impulsionaram o pensamento transgressor do século XX e que, junto à geração *beat*, formaram o primeiro movimento contracultural.

A geração *beat* surgiu em meados dos anos 50, como um grupo de artistas norte-americanos, em sua maioria escritores e poetas, embalados pelo jazz e por um sentimento existencialista. Além dos escritores citados, Neal Cassady (que se tornou

conhecido através da suposta referência que Kerouac fez quando criou o personagem Dean Moriarty, um dos protagonistas de *On the road*), Herbert Huncke, Lawrence Ferlinghetti (responsável pela primeira edição de *Uivo e Outros Poemas*) e Gregory Corso também faziam parte deste grupo.

O termo beat, bastante particular, passou rapidamente a significar algo ora transgressor, produzido na sonoridade do jazz, ritmo que desencadeava em seus admiradores um processo de movimentação, transformação e mudança. Algo interessante, pois as ideias nasceriam livres e reveladoras do único caminho de libertação das amarras de uma época que ainda estava por definir.

Essa geração logo passaria à escala de fenômeno cultural influenciando mais tarde os *hippies*, *punks*, etc., promovendo uma nova tentativa de revolução via literatura a divulgar as convicções dos artistas que vivenciavam e trabalhavam suas temáticas a partir das transformações do pós-guerra, sempre na tentativa de se questionar o chamado *american way of life* como modelo de ideologias.

A crise que surgiu com o término da Segunda Guerra Mundial não deixou o mundo livre e sem ameaças, o sonho americano divulgava em suas propagandas um estilo de vida representando a família consumista como centro da burguesia.

Para Hobsbawm (2001) uma economia capitalista mundial desenvolveu-se em torno dos EUA. Ergueu menos obstáculos aos movimentos internacionais de fatores de produção que qualquer outro período. Os EUA foram o primeiro país a se ver à mercê de vastas e multiplicantes enxurradas de capital solto que varriam o globo de moeda em moeda, em busca de lucros rápidos.

De repente, lá estava eu na Times Square. Tinha viajado doze mil quilômetros pelo continente americano e estava de volta à Times Square; e ainda por cima bem na hora do rush, observando com os meus inocentes olhos de estradeiro a loucura completa e o zunido fantástico de Nova York com seus milhões e milhões de habitantes atropelando uns aos outros sem cessar em troca de uns tostões, um sonho maluco – pegando, agarrando, entregando, suspirando, morrendo, e assim, poderiam ser enterrados naquelas horrendas cidades-cemitério que ficam além de Long Island. As elevadas torres da nação – o outro limite do país, o lugar onde nasceu a América das notas promissórias. (KEROUAC, 2009, p.139-140)

O capitalismo era visto muito além de um sistema econômico, era um modo de vida. Concomitante a isso, permaneceu a intranquilidade aliada ao crescente anticomunismo evidenciado pela Guerra Fria e à crise tecnológica que se instaurava na sociedade de consumo, que à época fortalecia o estilo de vida das pessoas. Sob esse

viés, o homem prosseguiu, quase que em igualdade com as máquinas, ao colocar de lado a identidade e liberdade que possuía. Essas mudanças foram decisivas e influenciaram o comportamento das gerações futuras do mundo inteiro. É também nesse processo de mudança que o movimento *beat* entra em cena, diferenciando-se pelo seu protesto à ordenação, isso através de uma exaltação ininterrupta à liberdade e ao direito à possibilidade transgressora de representação literária.

Da mesma forma que acreditamos que o espírito da civilização norte-americana foi moldado através de uma mentalidade desbravadora. As viagens empreendidas pelos seguidores da cultura *beat* não eram orientadas apenas pelo impulso estradeiro, tinham antes uma razão mais particular que envolvia uma necessidade de renovação interior, era o que Kerouac queria mostrar em sua obra *On the road*, com filosofia, reflexão e revelações suscitadas pelas pequenas coisas e incidentes estranhos.

Minha primeira carona foi num caminhão carregado de dinamite, com bandeira vermelha e tudo, uns cinquenta quilômetros, pela esverdeada amplitude do Illinois, com o caminhoneiro apontando o lugar onde a Rota 6, onde a gente estava, se juntava com a Rota 66 antes de ambas mergulharem nas inimagináveis vastidões do oeste. (KEROUAC, 2009, p.163).

A partir do momento que sucede o término da Segunda Grande Guerra, em especial o período entre os anos 1950, 1960 e seguidos 1970, os Estados Unidos viveram um período de ampla prosperidade econômica, marcada pelo aumento exuberante da produção de bens de consumo duráveis, assim como investimento em infra-estrutura, como estradas, por exemplo. É nessa época que surgem os subúrbios nas cidades americanas e, com eles, o ideal de uma vida suburbana passa a ser o sonho da população de classe média.

Para Berman (1986) a economia moderna tem uma infinita capacidade para renovação e a retransformação, a imaginação moderna também precisa se reorientar e se renovar repetidamente. Uma das tarefas cruciais para os modernistas dos anos 60 era enfrentar o mundo da via expressa; outra era mostrar que este não constituía o único mundo moderno possível, que havia outras e melhores direções para qual o espírito moderno podia se voltar.

Essa vida suburbana pode ser caracterizada, entre outras coisas, pelo ideal de estabilidade almejado pelas famílias depois do final da guerra. A impossibilidade de se pensar em um futuro e a insegurança gerada pela perspectiva da guerra dá lugar a um desejo de estabilidade. Mesmo com a perspectiva de uma guerra nuclear que poderia

acontecer a qualquer momento, em que a classe média tentava esquecer comprando novos e muitos produtos.

Entre esses bens o de maior destaque o automóvel, grande sonho de consumo da família suburbana e um dos maiores símbolos de status, liberdade e masculinidade. Berman (1986) lembra que um dos maiores símbolos da modernidade que despontava no início do século XX eram as grandes avenidas que cortavam os centros das grandes cidades, as quais só podiam ser experimentadas de automóvel. Além disso, não esqueçamos que o valor da família também era, aqui, muito presente e valorizado, onde a vida pacata e ordenada era a prova da existência de uma sociedade pacífica. No entanto, o sonho americano não foi vivido por todos os membros da sociedade da época. O amplo crescimento econômico que o país vivia não chegou às parcelas menos favorecidas da população, separando-as dessa realidade. Essa desigualdade (não apenas econômica, mas também, e principalmente, baseada em uma desigualdade de valores morais e culturais, que não se sustentam mais para toda a sociedade) prepara o cenário para o surgimento de diversos movimentos de contestação nos Estados Unidos já a partir dos anos 1940.

Na obra *On the Road*, Kerouac mostra uma vida sem raízes e sem destino, mantendo-se sempre em constante movimento, opondo-se aos ideais de estabilidade e tranquilidade proposta pelo *american way of life*. Seus casos de amor, seus empregos, seus destinos e as amizades que faz pelo caminho são passageiros, encerrando-se depois de decorrido determinado tempo. Um estilo de vida muito diferente da realidade sonhada pelas famílias americanas de até então: aproveitar a vida como regra máxima. Comportamento esse inadmissível frente aos valores morais empregados nos EUA nas décadas de 1950 – 1960.

Ao pôr-do-sol eu passeava. Me sentia como um grão de areia na face desta terra triste e avermelhada. Cruzei pelo hotel Windsor, onde Dean Moriarty morava com seu pai nos depressivos anos 30 e, como outrora, procurei o deplorável e lendário funileiro das minhas visões. (KEROUAC, 2009, p.223).

Cair na estrada sem rumo, fazendo uso de drogas, promovendo orgias e escrevendo aquilo que pensa de forma intensa em linhas e linguagem coloquial é quase um grito por liberdade, buscando a aproximação máxima entre a obra e a própria experiência vivida, contestando os ideais de moral, religião e estabilidade do estilo americano de viver da época, seriam os ideais defendidos pelo movimento *beat* para

expressar sua desaprovação aos padrões atuais. No entanto, essas práticas não excluem uma busca por identidade, nem mesmo a presença de um ideal político, apenas os apresenta de uma forma distinta, uma forma que quebra os próprios paradigmas de construção de identidade e de manifestação política vigentes à época.

A cisão entre o espírito moderno e o ambiente modernizado foi uma fonte fundamental de angústia e reflexão no fim dos anos 50. À medida que a década se arrasta, as pessoas dotadas de imaginação tornavam-se crescentemente determinados não só a compreender esse grande abismo, como também – por meio da arte, do pensamento e ação – a ultrapassá-lo. (BERMAN, 1986, p.294)

O caso da contracultura e da pós-modernidade têm em geral o marco inaugural associado aos anos 60. Mais exatamente à segunda metade daquela década. Foram anos onde muita coisa mudou no mundo. As grandes transformações contemporâneas capazes de dar e exigir um novo sentido à contemporaneidade. Não por acaso naquele momento o planeta conectava-se quase que completamente, consolidando aquilo que se chamou de grande “aldeia global”. Base para o que ficou conhecido como globalização.

Castells (2002) afirma que no fim do segundo milênio da Era Cristã, vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economia por todo mundo passaram a manter independência global, apresentando uma nova forma de relação entre economia, estado e sociedade em um sistema de geometria variável. O colapso do sistema soviético e o subsequente fim do movimento comunista internacional enfraqueceram, por enquanto, o desafio histórico do capitalismo.

Dessa forma, o grande progresso tecnológico que se deu no início dos anos 70 pode ser relacionado à cultura da liberdade, inovação individual e iniciativa empreendedora oriunda da cultura norte-americana da década de 1960.

3. As palavras de Keroauc

A partir da publicação de *On the Road*, em 1957, rapidamente desenvolveu uma reputação de Keroauc de boêmio e celebrador das contradições do mundo, ratificada por sua escrita ininterrupta, espontânea, livre de excessivas correções. Tudo isso enfatizava

as palavras e a literatura com jeito de engajamento social, ao mesmo tempo sem compromisso e corriqueiro, combinadas fortemente em suas páginas:

Oh cara! cara! cara!" balbuciou Dean. "E isso não é nem o começo – e agora finalmente estamos juntos indo para o Leste, nunca tínhamos ido pro Leste juntos, Sal, pensa nisso, vamos curtir Denver juntos e ver o que todos estão fazendo, mesmo que isso não nos interesse muito, a questão é que nós sabemos o que aquilo significa e sacamos a vida e sabemos que tudo está ótimo." Depois, me puxando pela manga, e suando horrores, ele me segredou: "Agora saca só esse pessoal aí na frente. Estão preocupados contando os quilômetros, pensando em onde irão dormir essa noite, quanto dinheiro vão gastar em gasolina, se o tempo estará bom, de que maneira chegarão onde pretendem – e quando terminarem de pensar já terão chegado onde queriam, percebe? Mas parece que eles têm que se preocupar e trair suas horas, cada minuto e cada segundo, entregando-se a tarefas aparentemente urgentes, todas falsas; ou então a desejos caprichosos puramente angustiados e angustiantes, suas almas realmente não terão a paz a não ser que se agarrem a uma preocupação explícita e comprovada, e tendo encontrado uma, assumem expressões faciais adequadas, graves e circunspetas, e seguem em frente, e tudo isso não passa, você sabe, de pura infelicidade, e durante todo esse tempo a vida passa voando por eles e eles sabem disso, e isso também os preocupa num círculo vicioso que não tem fim. (KEROUAC, 2009, p. 257).

Dean Moriarty e Sal Paradise são os principais personagens do *On the Road*, respectivamente Neal Cassady e Jack Kerouac, imersos na ficção, quase um terceiro personagem, resultado das experiências de ambos na vida real, fundidas em uma só vivência a partir do ato literário.

Para Foucault (1992) os textos, os livros, os discursos começaram a ter realmente autores (diferentes dos personagens míticos, diferentes das grandes figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor podia ser punido, ou seja, na medida em que os discursos podiam ser transgressores. O discurso, em nossa cultura (e, sem dúvida, em muitas outras), não era originalmente um produto, uma coisa, um bem; era essencialmente um ato - um ato que estava colocado no campo bipolar do sagrado e do profano, do lícito e do ilícito, do religioso e do blasfemo. Ele foi historicamente um gesto carregado de riscos antes de ser um bem extraído de um circuito de propriedades. E quando se instaurou um regime de propriedade para os textos, quando se editoram regras estritas sobre os direitos do autor, sobre as relações autores-editores, sobre os direitos de reprodução. A possibilidade de transgressão que pertencia ao ato de escrever adquiriu cada vez mais o aspecto de um imperativo próprio da literatura. Como se o autor, a partir do momento em que foi colocado no sistema de propriedade que caracteriza nossa sociedade, compensasse o status que ele recebia, reencontrando assim

o velho campo bipolar do discurso, praticando sistematicamente a transgressão, restaurando o perigo de uma escrita.

On the Road de Kerouac insiste na diferenciação entre a rotina do capitalismo e a percepção de tempo na estrada, liberto das preocupações e do eterno replanear das cidades, a sociedade com seu falso moralismo, preocupados com suas moradias, todos preocupados em adquirir tudo que a ideologia capitalista pode oferecer e também muito tédio:

Agora Sal, estamos deixando tudo para trás e entrando numa nova fase desconhecida. Todos esses anos, essas complicações, esses baratos todos – e agora isso! De modo que seguramente podemos deixar tudo para lá e apenas seguir em frente, com a cara para fora da janela, assim, e compreendermos esse mundo de uma forma como, para falar com genuína franqueza, os outros americanos antes de nós não conseguiram fazer – eles estiveram aqui, não estiveram? (KEROUAC, 2009, p. 334).

Kerouac em tom de crônica, aliado a uma atmosfera contracultural que, possuída criadoramente, acaba por agir, por sobre as funções tradicionais da literatura; a favor de um revigoramento das formas narrativas, reiteradas pelo habitual. Promove em sua obra a função de escritor e crítico de seu tempo. Sua grandeza está na formação de uma escrita dinâmica com estilo de poeta, cronista e crítico de um viajante perdido num mundo em que os papéis de nossa cultura e estilos de vida são determinados, Keroauc através de sua obra provoca uma quebra dessa estrutura levando a todos a reflexão.

Dessa forma, tanto o escritor quanto o crítico se pronunciam num lugar onde vai denunciar as exclusões ditadas pela política e mostra a todos: os loucos, monstros, anormais, prisioneiros, drogados, homossexuais, etc. Assim, a tradição literária se constituiria como uma espécie de crônica do declínio mostrando a solidão das grandes metrópoles e o tédio que os cerca.

Keroauc em seu *On the road*, fez uma viagem, acabou por investigar o mundo e o estilo de vida da sociedade de uma época, e de forma poética criou uma geração que iria mostrar o mundo que a toda verdade cabe um questionamento e que a vida é uma estrada.

As influências de *On the Road* para a cultura contemporânea estão explícitas em toda escrita que também retrata a sociedade com suas ansiedades, com seus dilemas de libertação do lugar comum, de superação de uma condição da qual o indivíduo não se enquadra.

Considerações:

A literatura beat surgiu como uma proposta de contracultura, uma cultura alternativa que não fosse baseada no erudito como a respeitada pela sociedade ou a cultura de consumo.

Kerouac em seu *On the road* influenciou gerações aproximando sua escrita alternativa da sociedade que naquela época sofria as pressões do estilo de vida americano e a forte presença do capitalismo.

Viajante, narrador moderno, questionador e poeta das realidades Kerouac contribuiu de forma esplendorosa para cultura contemporânea, fez gerações pensarem e ainda faz novas gerações de leitores pensarem as condições do ser humano inseridos em uma sociedade fortemente marcada por ideologias.

Referências:

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CRUZ, Mareska Roberta. **Contracultura e Religiões alternativas.** Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/mareska_cruz.pdf. Acesso em: 16 de fevereiro de 2014.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si.** In. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, pp. 129-160.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Editora Ática, 2006.

HOBSBAWN, ERIC. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JÚNIOR, Sávio Augusto Lopes da Silva. **A relação da literatura Beatnik com a música de Contracultura.** Disponível em: <http://www.musimid.mus.br/6encontro/pdf/Junior.pdf>. Acesso em; 10 de março de 2014.

KEROUAC, Jack. **On the road (Pé na Estrada).** Porto Alegre. L&PM, 2009.